

# SENSAÇÃO DE PLENITUDE

Conferências no Mosteiro da Batalha, maio de 2018

## **O mosteiro da Batalha como plenitude em Afonso Lopes Vieira**

por Cristina Nobre

Dep. 22-2056

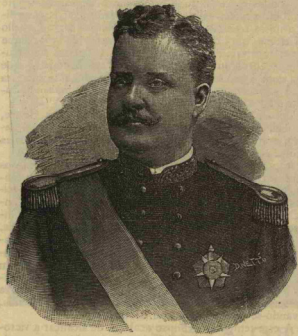
# LEIRIA-BATALHA

NUMERO UNICO

Publicado pela ACADEMIA LEIRIENSE

Commemorando a trasladação das cinzas de D. Affonso V, D. João II, D. Izabel e infante D. Affonso para o pantheon de D. João I

LEIRIA, 28 DE NOVEMBRO DE 1901



S. M. El-Rei D. Carlos I



S. M. a Rainha D. Maria Amelia

O grande historiador Alexandre Herculano, quando ha cinquenta annos escrevia essa bella narrativa intitulada *A abobada* não calculava certamente que, meio século depois, os reis de Portugal viriam receber n'aquella assombrosa sala de throno, sob o tecto maravilhoso de mestre Affonso Domingues, as homenagens de todos quantos vão á Batalha associar-se á consagração definitiva da gloria de D. João II.

Herculano era um individualista. Estivera emigrado em França e em Inglaterra, onde bebera as ideias de liberdade, tal como ella era comprehendida na epocha de 1830.

Sob o ponto de vista historico dominante, Luiz XI, em França e D. João II, em Portugal, eram dois tyrannos aniquiladores de todas as liberdades, encarnações do absolutismo que era o monstro mais odiado que então havia; e Alexandre Herculano era d'essa escola e assim apreciava o principe perfeito.

Mas agora as ideias são outras e o proprio Herculano, nos seus ultimos dias, duvidava um pouco do rigor dos principios da escola individualista. Hoje ninguém que com cuidado tenha attendido á nossa historia patria duvida de

que aquella clarão de incomparavel brilho que illuminou Portugal no reinado de D. Manoel, foi preparado inteiramente pela intelligencia e vontade de D. João II. O proprio auctor da historia das nossas origens como nação independente, se associaria á homenagem que todos vamos render. Elle era um grande patriota e é ao Portugal do século XV que vai ser prestada homenagem pelos portuquezes do alvorecer do século XX.

Já não temos um Herculano que nos conte como um cego construiu a abobada da sala do capitulo, nem um Garrett para romantisar os movimentos populares das epochas afastadas da nossa historia. Elles deixaram os seus livros que marcaram a renovação litteraria romantica. Os architectos coevos do *bom memoria* legaram-nos esse rendilhado poema de pedra que canta perpetuamente a independencia da nossa terra, conquistada alli perto, em Aljubarrota, pela ala dos namorados. — Namorados eram elles todos: D. João I da grandeza de Portugal; Nunalvares da mystica paz d'alma; os outros eram namorados das suas damas e vieram a dar os doze d'Inglaterra. Já não temos esses homens que todos eram grandes, mas te-

Participação de várias figuras ilustres do distrito, com artigos de opinião nas primícias do registo em defesa do património.

**Tito Larcher**, então já figura proeminente e futuro conservador do arquivo distrital, é o autor mais representado no folheto, mas não se devem esquecer outros, como **Marques Júnior**, **António de Campos Júnior** ou **Acácio de Paiva**.

Curioso é vermos como este 'panteão de D. João I' só em **2016** atingiria o estatuto de Panteão Nacional...

## UM CICERONE DA BATALHA

primeira vez que fui á Batalha e visitei o mosteiro, tinha eu cinco annos. Lembro-me ainda, não precisamente das minhas commoções d'artista em ro-maria d'arte, mas do meu espanto elado ante os tumulos e os claustros de pedra, e do grande medo com que subi, levado pelas mãos da minha mãe, a escada do corcheu da Cegonha.

N'esse tempo, um dos cicerones do Mosteiro era um velho baixo e rijo, de olhos azues, muito sympathico, d'aspecto militar, um veterano que ainda conhecera Frades. Fui amigo d'este bom nas visitas que lá fazia em todas as férias grandes, as mesmas historias das vidas dos Architetos, dos reaes ossos dos tumulos, das guerras d'Aviz, e casos intimos do convento, anedoctas da sua fundação e da sua legenda.

O que tornava interessante este guia velho e amavel, era o elle possuir a qualidade rara nos cicerones: a commoção. Nada perturbava mais a emoção d'um viajante fino e artista do que a desinteressada abundancia de palavras que um guia lhe recita, ou a sua séde brusca de dinheiro deante de coisas d'Arte ou de natureza, bellas. Na cathedra de Milão, depois de ter subido á torre para vér os Alpes, o que escreve estas linhas desejou visitar a capella de S. Carlos Burromeo, escura mumia que usa ao peito joias de Benvenuto Cellini. Um sachista de béque matreiramente afeiçoado, depois de receber uma lira, conduziu-o á crypta, de véia accésa, illuminando adeante a escadaria funda.

Em meio da admiracão que n'esse viajante a Capella magnifica produzia, o sachista adianta-se e diz-lhe, apontando o tumulo fechado do Santo:

— Quer vér o corpo de S. Carlos?

— Sim...

E logo o sachista, estendendo a mão, n'um indiscreto gesto de gulodice:

— Mais cinco liras!

Em Obidos, a interessantissima, a incomparavel villa, onde o Passado parece viver ainda nas horas de hoje, um garoto velho de idade incomprehensivel, o *Mil-Homens*, diz nos os nomes dos solares, segura-nos os cavallos, compra-nos cigarros, chama os sachistas das egrejas. E' um pavoroso fallador, ao pé do qual impossivel se torna admirar os recantos archaicos, a natureza tão bella em roda, toda a belleza triste dos aspectos. E foi esse diabo que um dia disse a um amigo meu, enquanto este escutava distraido um sino, olhando os campos que iam adormecer na noite:

— Saberá V. Ex. que estão a dar horas!...

Entre o sachista italiano, o *Mil-Homens* e o meu velho guarda da Batalha havia a singular differença que fazia d'este ultimo um companheiro encantador.

Era um narrador commovido da Historia, toda aprendida d'ouvido, porque lia mal e por cima.

O seu officio de longamente vaguar pelo Mosteiro familiarisara-o com a Casa, com os seus mortos e com a sua belleza, e déra-lhe uma physionomia moral quasi d'Aviz, muito remota e sósinha no mundo. E, por exemplo, passeando com a gente pelo claustro do Convento, parava-nos á porta da casa do *Capitão*, e apontava sorrindo para o bustozinho do Architecto legendario:

— Lá está o Afonso Domingues...

E dizia isto com tanta amidade, com tanta intimidade, que mais parecia um antigo camarada do grande cego, fallando a amigos do seu Mestre.

Tinha um cão, um cachorro de pernas curtas e tortas, que o seguia sempre, imperturbavel.

Este cão sabia já os sitios onde o dono botava fallas; o mesmo antes d'elle as começara, sentava-se á espera, olhando para a gente com olhos meigos.

Fôra este homem que tivera a honra (dizia elle de acompanhar Alexandre Herculano n'uma das romagens do Historiador ao Convento); e contava da sua maneira grave e fina de olhar, do lenço vermelho que trouxera na mão, e da sobrejacaca de briche que o grande escriptor vestia, e que vinha a ser naturalmente a mesma com que elle subia o Chiado no seu tempo da Ajuda, rodeado dos dandies da época, que chamavam galantemente a isto — levar o Herculano ao peito.

Quando ha tres annos visitei o Mosteiro, não achei no seu posto o velho guarda. Morréra.

E agora que no convento da Batalha se vão celebrar cerimoniaes imponentes e grandiosas, ahí, onde repousam tantos ossadas de grandes do mundo, onde toda a poesia rural da Patria crystallizou em pedras que são como almas e cantam maravilha, — é-me, a mim, immensamente doce recordar este obscuro e este humilde, que humildemente envelheceu entremostrando aos outros o Passado, e talvez a amá-lo mais do que elles.

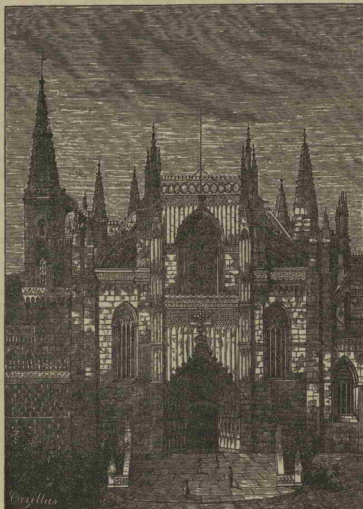
Lisboa, novembro de 1901.

AFONSO LOPES VIEIRA.



Oh quem não treme ouvindo os altos feitos  
D'esses Heroes que aponta a nossa Historia!  
— Reis valorosos, Príncipes Perfetos  
E um grande Poeta para mais gloria!

ARNALDO RIBEIRO



FACHADA DO MONUMENTO DA BATALHA

Mais jovem do que os outros participantes, então com 23 anos, **Afonso Lopes Vieira (1878-1946)** tem um destaque central no folheto. O texto do jovem poeta ocupa a página 5, com o título **“Um cicerone da Batalha”**, ilustrado pela fachada do monumento da Batalha, e transporta-nos para os inícios do **culto patrimonial**, associando-o ao povo humilde que lhe serve de guia.

**A primeira vez que fui à Batalha e visitei o mosteiro, tinha eu cinco anos. Lembro-me ainda, não precisamente das minhas comoções d'artista em romaria d'arte, mas do meu espanto [v]elado ante os túmulos e os claustros de pedra, e do grande medo com que subi, levado pelas mãos de minha mãe, a escada do coruchéu da Cegonha.**

**[...] N'este tempo, um dos cicerones do Mosteiro era um velho baixo e rijo, de olhos azues, muito sympathico, d'aspecto militar, um veterano que ainda conhecera Frades. Fui amigo d'este bom homem, que me badalou depois, nas visitas que lá fazia em todas as férias grandes, as mesmas historias das vidas dos Architectos, dos reaes ossos dos túmulos, das guerras d'Aviz, e casos íntimos do convento, anedoctas da sua fundação e da sua legenda.**

**O que tornava interessante este guia velho e amavel, era o elle possuir a qualidade rara nos cicerones: a comoção. [...]**

**Entre o sacrista italiano, o *Mil-Homens* e o meu velho guarda da Batalha havia a singular diferença que fazia d'este ultimo um companheiro encantador.**

**Era um narrador comovido da Historia, toda apprendida d'ouvido, porque lia mal e por cima.**

**O seu officio de longamente vaguear pelo Mosteiro familiarisara-o com a Casa, com os seus mortos e com a sua belleza, e dera-lhe uma physionomia moral quasi d'Aviz, muito remota e sosinha no mundo. E, por exemplo, passeando com a gente pelo claustro do Convento, parava-nos á porta da casa do Capitulo, e apontava sorrindo para o bustosinho do Architecto legendário:**

**- Lá está o Affonso Domingues...**

**E dizia isto com tanta amizade, com tanta intimidade, que mais parecia um antigo camarada do grande cego, falando a amigos do seu Mestre. [...]**

Na parte conclusiva do artigo desliga-se do aparato social, que seguramente envolveu as cerimónias de trasladação, para se ater à singularidade e humildade de uma personagem do povo, sem lugar em nenhuma capela funerária mas divulgador emérito do património. Talvez os olhos da poesia possam ter acesso a **'sensações de plenitude'** que o comum dos mortais nem suspeita:

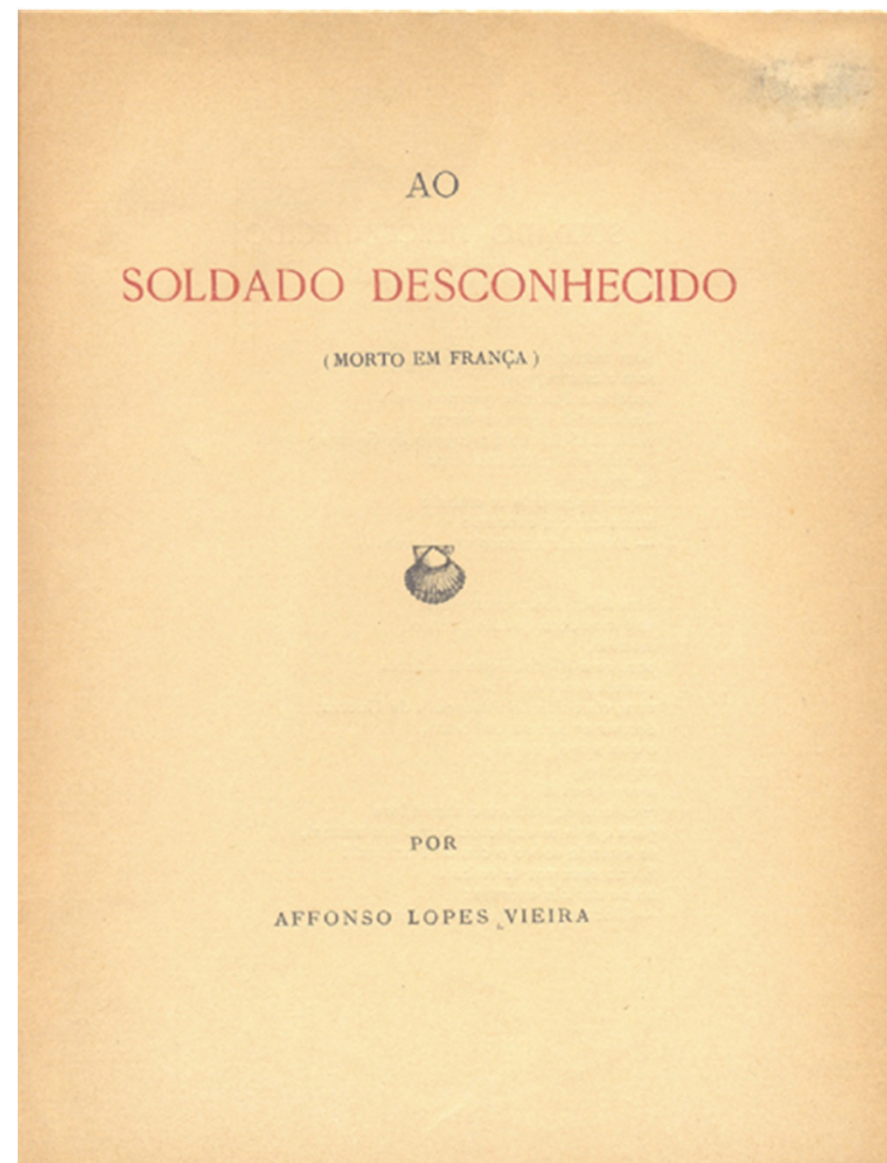
**Quando há três anos visitei o Mosteiro, não achei no seu posto o velho guarda.**

**Morrera.**

**E agora que no convento da batalha se vão celebrar cerimónias imponentes e grandiosas, ahi, onde repoisam tantas ossadas de grandes do mundo, onde toda a poesia rural da Patria crystallizou em pedras que são como almas e cantam maravilha, - é-me, a mim, imensamente doce recordar este obscuro e este humilde, que humildemente envelheceu entremostrando aos outros o Passado, e talvez a amá-lo mais do que eles.**

No final da I Grande Guerra vão multiplicar-se os acontecimentos oficiais de tentativa de integração do desastre da Batalha de La Lys na memória coletiva (CEP - Corpo Expedicionário Português), através da inauguração festiva ('sensação de plenitude'?) de monumentos 'Ao soldado desconhecido', para que todos pudessem chorar e homenagear os corpos que não puderam ver.

Também este túmulo se encontra na Capela do Fundador, e neste caso a posição de Lopes Vieira, então um adulto de 43 anos, vai ser de total marginalização. O facto é tanto mais estranho, quanto neste caso se tratava da inclusão do anónimo povo ao lado da monarquia e do poder representado na pedra monumental.





AO

## SOLDADO DESCONHECIDO

(MORTO EM FRANÇA)

Sem discursos, sem frases,  
sem alexandrinos,  
porque a Piedade que nos fazes  
deshonrá-la-hiam os hinos,  
vem, oh Soldado Português da Guerra,  
dormir emfim na tua terra  
de Portugal,  
e que a voz dela te embale  
numa carícia enorme :  
— Dorme, meu menino, dorme . . .

Sem discursos, sem frases,  
ah ! mas com quanto pranto  
interior,  
porque a Piedade que nos fazes  
nos alanceia de Amor,  
vem, oh Soldado Português da Guerra,  
dormir emfim na tua terra,  
e que a tua presença  
espectral,  
a tua imensa  
presença acusadora e aterradora  
para quem te exportou como um animal,  
se estenda sobre o céu de Portugal !  
E que essa voz te embale  
numa carícia enorme :  
— Dorme, meu menino, dorme . . .

Obra apócrifa  
Ruíto Ralo

Receba-te sómente  
um silêncio tão fundo,  
que pareça que religiosamente  
a vida parou no mundo :  
e que neste silêncio vão tombando  
para a face da terra  
as lágrimas que forem borbulhando  
por ti — a maior vítima da Guerra !  
Que apenas se ouça então,  
como o ritmo do nosso coração,  
essa voz maternal  
que te embale  
numa carícia enorme :  
— Dorme, meu menino, dorme . . .

Dorme, pois, entre nós, querido irmãozinho,  
vítima e heroe,  
cujo destino foi  
o mais sublime e o mais mesquinho.  
Dorme e repousa, que vens tão cansado,  
e a voz materna embala-te cantando . . .  
— Mas um dia serás de subito acordado,  
e a tua sombra, erguida e batalhando,  
ha de então comandar ! . . . Tu, humilde Soldado  
que tens por nome — *Portugal sacrificado*.  
Entanto, vai repousando,  
sofreste tanto na Guerra !  
Dorme emfim na tua terra,  
e que a voz maternal  
te embale  
numa carícia enorme :  
— Dorme, meu menino, dorme . . .

Março de 1921

**[...] Sobre o caso da apreensão da minha poesia *Ao soldado desconhecido* direi apenas algumas palavras porque elas me são pedidas, e mantenho o proposito de não permitir que, sob minha responsabilidade, se faça com este assunto qualquer reclamo. Detido durante umas horas e interrogado no Governo Civil, onde urbanamente me trataram, ahi respondo ás perguntas que me fôram feitas e constam do auto que assinei.**

**Neste incidente, em que já um jornal chegou a atribuir-me qualquer intenção menos patriótica, insinuação contra que nem vale a pena protestar porque o meu nome e a minha obra, insignificantes como são, são também o mais eloquente desmentido a quem pretender agredir-me por esse modo, — neste incidente, uma coisa verifico com infinito prazer moral, e é a limpidez e a calma da minha consciencia. Escrevendo esses versos, que me honro de ter escrito, prestei ao heroe a melhor e a mais bela homenagem que o meu espirito foi capaz de conceber. Esses versos estão muito acima de todas as preocupações partidarias ou sectarias, — as quaes me não interessam — porque elas são a glorificação do Povo que se sacrificou com tanto e tão belo heroismo, a saudação funebre e heroica do recém-vindo á sua terra.**

**E eu tenho a absoluta convicção de que nunca escrevi uma pagina mais patriótica do que esta poesia, e de que esta poesia, e de que a sua intenção pelo menos, é digna do heroe.**

(entrevista ao jornal *Epoca* de 19 de março de 1921, *apud* R I, f. 128 v.)

***Carta ao Soldado a quem são dedicados os versos q. seguem.***

Meu caro Manuel — Não sei se já estás na tua terra e se já te casaste com aquela rapariga de quem me falaste. Se estás, desejo q. sejas muito feliz porq. fiquei teu amigo desde o dia em q. vimos juntos o cortejo do Soldado Desconhecido, na Concordia.

Encontrámo-nos de manhã, um pouco arripiados com o frio, e almoçámos nos Campos Elíseos. Falámos da Guerra, de q. me contaste algumas cousas q. me ficaram para sempre no coração através das tuas palavras simples. Falámos de Portugal. Falámos da tua terra e da tua família, q. ha dois anos não vias. Vimos o cortejo no meio do povo e subimos depois com ele até ao Arco. Os Soldados franceses olhavam-te e alguns diziam alto: — *Un bersagliere!* — *Cuidam q. sou dos italianos*, dizias-me tu sorrindo. Como não quiseste jantar comigo (desconfio q. não quiseste porque tinhas namôro) fui abancar sòzinho num restaurante e começou então a cantar-me na cabeça esta cantiga q. te envio, recortada de um jornal. O *Manuel* q. lá está és tu, meu amigo, e é por isso q. te mando esta lembrança. Lê-a à tua família, a quem peço me recomendes, e sobretudo à tua noiva ou tua mulher, q. ha de achar graça à recordação. Adeus e recebe um abraço apertado deste teu amigo verdadeiro.

P. S. Onde está q. "foste vendido" não quer dizer q. eu acredite naquele dito q. andou no povo, de q. por cada um de vocês havia quem recebesse uma libra. "Vendido" quer dizer q. pela republica e não pela Nação te mandaram; tu bem o sentias e batendo-te bem, foste heroe duas vezes.

**Janeiro de 1921.**

## ***No "Front" do boulevard Victor | ao grande pintor Sousa-Lopes***

A alva começava a clarear e, no meu vago entresonho, olhei... Estava nas trincheiras do C. E. P. Horrivel, transiu-me o frio, e recordei, chorei, aquele azul lá de longe, q. é como os beijos q. eu quero.

A lama da terra encharcava-me, e a lama do ar, quasi tão espêssa como ela, tambem. À minha volta os camaradas, imoveis, sofriam como eu do frio, do abandono, da alva; e entre nós estava talvez aquele q. disse q. "a gente já não eramos homens, mas só *corage!*" E nós todos, queriamos morrer bem, sem saber por quê, nem por quem, se era pela Patria, se era por aqueles q. nos abandonaram aqui, e se regalam. Todos pensavamos numa Mulher, — mãe, noiva, irmã, — ou Numa q. vimos uma vez e não sabemos quem é...

— Mas subito sentimos o ataque, e desentorpecemos as almas para a morte...  
... Então saí do meu entresonho, e achei-me deitado no divan dêste meu quarto improvisado no ateliê.

**Paris, Novembro, 1921**

(BMLALV, B43, n.º33396, *apud* Nobre, 2005 II, pp. 469-470)

Numa democracia, entra para a esfera do arbítrio tudo o que seja coibir ou coarctar a faculdade de assentir ou dissentir do quer que seja, desde o mais fútil ao mais sagrado.

— Foram moiros que me levaram ao Governo Civil e me confiscaram o meu poema — declarava Afonso para os amigos e o mesmo disse na dedicatória do exemplar que me ofereceu. Moiro era o espírito alieno, demagógico, espúrio, anti-português ao actuar como causa eficiente deste despautério e de tantos mais da vida nacional. (Ribeiro, [1949]: 322).

Na sequência deste episódio, o desalento do escritor perante a vida política do país e a classe dirigente intensifica-se e não o abandonará mais até ao fim da vida.

O último livro de poesia, de 1940, *Onde a terra se acaba e o mar começa*, representará o terceiro momento desta 'sensação de plenitude', com a assertividade das temáticas do *instinto da nação*, das quais se sentiu sempre o guardião honrado e em missão permanente.

**[...] Mousinho: Portugal**

**Bem-nascido de novo;**

**Cavaleiro, letrado e gentil-homem**

**Tão fidalgo e tão próximo do povo**

**Que eu vi de jaleca e chapéu largo,**

**Enrolando um cigarro**

**E dizendo, com o seu sorriso que era**

**O de um intelectual**

**E o mais fino de todo o Portugal:**

**- Ah! Como maça a gente o ser-se herói.**

**[...]**

Na *Antologia Poética* de Afonso Lopes Vieira, organizada por Nuno de Sampayo, em 1966, ele sintetiza perspicazmente:

[...] Veja-se o amor de Afonso Lopes Vieira a Portugal, muito espontâneo, mas também muito meditado. Este sonhador foi estranhamente lúcido; este saudosista, admirador do passado, possuía uma arguta consciência das deficiências do presente. O nefelibata soube descer à terra para reprovar ou causticar; fê-lo como patriota, mas também como esteta. [...]